



Roda dos Orixás

Algumas Pistas sobre Mitos, Orixás e Self

Alexandre de Oliveira Fernandes*



“Mito é certamente o lugar da ilusão”.
 (Muniz Sodré)



xé ô!

Caríssimos, creio ser importante, inicialmente, dizer-lhes “do lugar” de onde falo. Assim, me apresento e vou dando algumas pistas de como mitologia e orixás serão inscritos nesta coluna.

Sou das letras como dizem por aí. Graduado pela Universidade do Estado da Bahia, Especialista em Antropologia pela Universidade do Sudoeste da Bahia, e mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, onde agora pesquiso o orixá Exu. Mas, minhas relações com os orixás¹ remontam outras datas...

Lembro-me de termos em casa uma imagem de lemanjá, enorme. Eu era apenas um menino. Desenvolvi não sei bem como um carinho diferente por aquela senhora, de braços abertos, sorriso estampado, um manto em tom azul, com conchas caindo por seus

¹ Segundo Ribeiro (1996, p.129), os orixás são “deuses com d minúsculo, emanções do Ser Supremo, dele possuem atributos, qualidades e características e têm por propósito servir à vontade divina no governo do mundo.” Segundo Lopes (2004, p.499), os orixás são, “na tradição iorubana, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorun ou Olofin, que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade.

braços, parecendo levitar sob águas em constante movimento. Sentia que era ela quem cuidava de mim, todas as noites, quando mamãe saía para trabalhar. Eu em casa, nas madrugadas, não estava, portanto, sozinho.

Nunca conversamos detidamente – eu e minha mãe – sobre aquela imagem. Lembro-me apenas de irmos ao litoral de São Paulo e lá nos encontrarmos com uma estátua idêntica àquela na areia da praia, só que em dimensões ainda maiores. Ficávamos aos pés de Iemanjá e sob o som do mar, silenciosos, fazíamos nossos pedidos, acendíamos velas, agradecíamos. A sensação de alívio e de proteção é exatamente pessoal e intransferível.

Recordo-me também da gostosura que era minha avó, uma velhinha simpática, com um ramo de “ervas mágicas”, rezando-as em meu corpo, pedindo às energias que me protegessem.

Hoje, após 12 anos de iniciado no “culto dos deuses africanos, prestado em todo o Brasil” (Verger, 1992, p.96), na nação queto, meu encontro se dá nos segredos dos orixás.

É na batida do tambor, na água da quartinha, no banho de folhas, no assentamento de Exu, na riqueza de seu padê, no omolocum de Oxum e acarajé de Iansã, nos mitos dos orixás, que encontro meu *self*.

Explico-me. *Self* é a compreensão de que os orixás, energias-arquétipo se manifestam na natureza e na vida humana, não como se estivessem fora do indivíduo, mas dentro dele, em contato constante. Ou seja, o orixá está em cada um de nós, de modo indissociável, “do nascimento à morte, da fome à raiva, do amor à dor” (Ford, 1999, p.206). Daí a necessidade de nos “apossarmos” desses deuses e deusas como o próprio *self*, símbolos representantes das forças básicas da vida, de nossa vida.

Aqui, em *África e Africanidades*, durante nossas conversas – que estão apenas se iniciando –, os mitos africanos, razão de ser dessa coluna, serão percebidos como construções de cultura, num conceito “essencialmente semiótico” (Geertz, 1989). Serão vistos como um *constructo* religioso inteligente e nobre que presentifica as ações de um povo, que legitima sua vivência, sua cosmogonia, sua espiritualidade, sua representação social e cultural (Eliade, 1992).

Discutiremos candomblé, orixás, ritos e seus mitos, que,

parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele. (GEERTZ, 1989, p.95)

Vamos nos desvincular, portanto, da noção de mundo judaico-cristã, pois, o culto aos orixás não está calcado em sentimentos de dor, sofrimento e pecado. A experiência de *Arkhé* africana é diferente. Constitui-se de alacralidade, sem falta ou pecado originais (Sodré, 1999, p.202).

Trataremos os mitos com o respeito necessário, como construção singular de um povo perseguido e vilipendiado historicamente. Mas, muito resistente também.

Dentre outras, foi preciso resistir a perseguições policiais.

Passamos pelo Departamento de Polícia para vermos o arsenal de um feiticeiro africano que acaba de ser preso. Havia o bastante para encher um carro. Um jarro grande, envolvido em roupa, constituía o corpo do ídolo principal; dois outros jarros menores eram de madeira com braços articulados, os rostos e as cabeças sujos de sangue e de penas — sendo exigida uma galinha de cada consulente, forçados de ferro e facas de pedra usados como instrumentos de sacrifício; chifres de cabra, dentes de marfim, caveiras de animais, uma corrente de maxilares, pequenas caixas de poeira colorida, chocalhos, uma férula, feixes de ervas [...]. Sendo escravo — um forte negro mina — terá de ser flagelado. O arsenal de um feiticeiro constitui o candomblé (Prandi citando Keith Ewbank, 1996, p.45).

Deste modo, os textos desta coluna pedem passagem para uma linguagem que questiona o discurso de construção do mundo pelo Ocidente, com seu desejo de demonização das religiões de matrizes africanas.

O mundo Ocidental, como já nos ensinou o professor Muniz Sodré não consegue compreender o mito senão como mentira, feitiçaria, ilusão. Todavia, o mito é de outra ordem. Sua ilusão,

(do latim *in ludo*, ou seja, o que se põe convencionalmente, artificialmente, “em jogo”, no modo de existir de um grupo humano) não se entende aqui como alienação ou mentira, e sim (...) como um jogo existencial, sob a forma de narrativas e ritos, que integra funcionalmente os diferentes aspectos e níveis da vida humana (Sodré, 1999, p.211).

A mitologia nos humaniza porque não lida com a “verdade” racionalista, positivista-ocidental. A partir dela, o Homem pode se debruçar sobre questões profundas como a vida e a morte, suas relações com o divino, trazendo à tona tempos imemoriais .

O candomblé, seus orixás, rituais e mitos são um complexo simbólico de resistência e força; uma “pequena África [é] reinterpretada” (SODRÉ, 1999, p.211) cotidianamente, levando-nos ao contato com nossos antepassados.

Desta correlação, convoquemos: Que venham os orixás, com suas danças, seu icodidé, seus búzios, Ifá e Ori, o meu Ori, o seu Ori, seus símbolos iniciáticos e conosco se comuniquem em sua forma Odara. Que os mitos nos digam coisas, nos ensinem , nos reportem a um Tempo Primordial.

Ilustrações: Pedro Rafael. Disponível em: [A Cor da Cultura](#). Acesso em: 26 nov. 2008.



Alexandre de Oliveira Fernandes mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz e professor de Língua Portuguesa e Literaturas do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET.

E-mail: alexandre.pro@gmail.com